

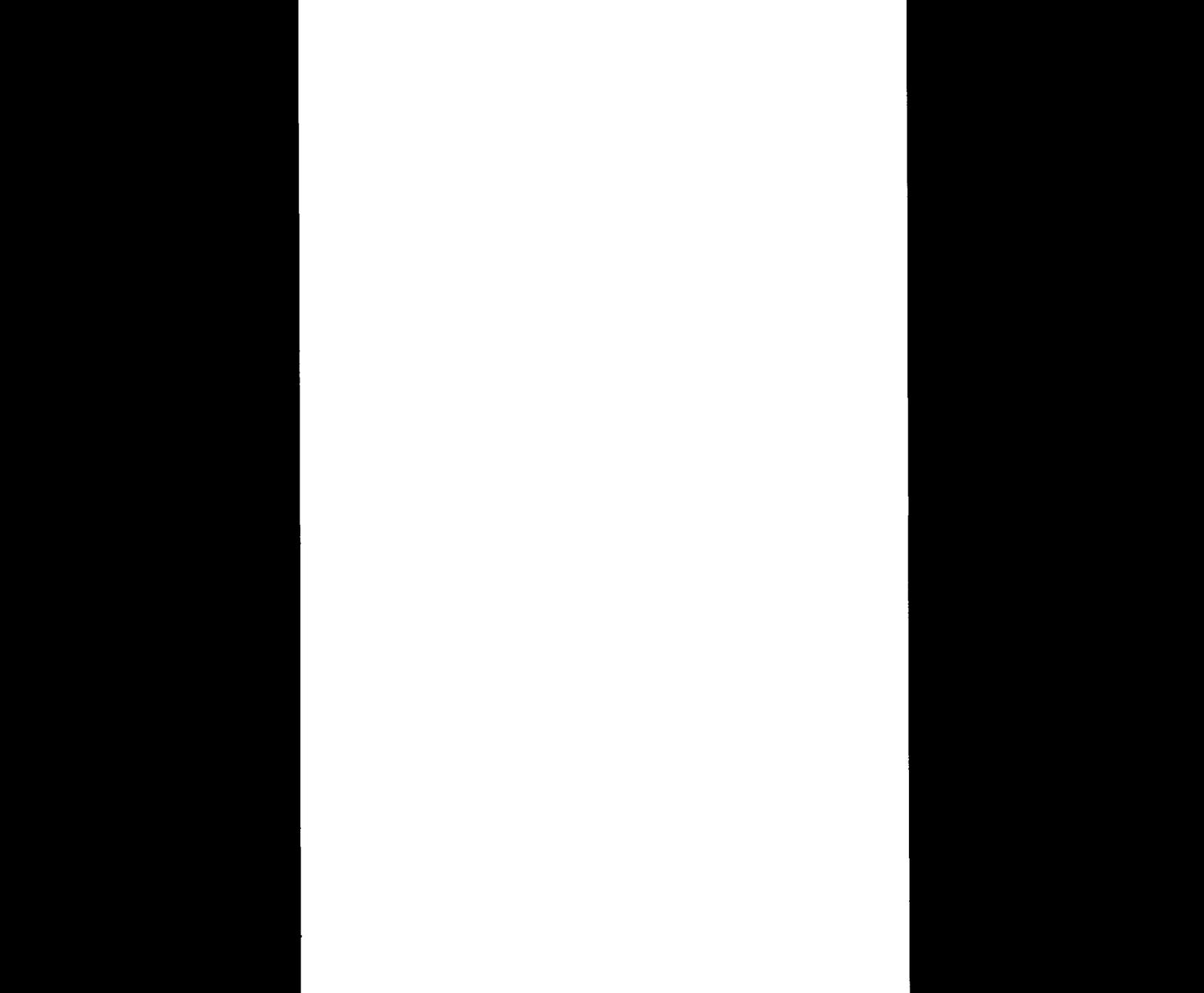
JORGE **ELIAS** NETO

Breviário
dos
Olhos

JORGE ELIAS NETO

Breviário
dos
Olhos

VITÓRIA ES. 2017



Para o
meu
deus

em o abney
do capixabe

Para Lourdes,
por tudo de contraditório que me ensinou.



11-2-11

Estendo os braços
e curvo no meu joelho
minha linha do horizonte.

ILDÁSIOTAVARES

Maior que o infinito
é o incolor.

MANOEL **D**EBARROS



ONDE COMEÇA O FIO?

No novelo ou na farsa dos dias?

Quem ler este Breviário dos olhos e já tiver alguma familiaridade com meus escritos poderá chegar a constatação de que existe pouco de inédito ao longo das páginas.

Desde que comecei a escrever, adquiri o hábito de inserir em meus poemas algumas reflexões que, com muita frequência, eram destacadas entre parênteses. Isso se iniciou de maneira inconsciente.

Em paralelo, criei uma pasta onde comecei a arquivar alguns aforismos e poemas curtos (geralmente dísticos e tercetos) que pretendia publicar em algum momento (assim que tivesse um número satisfatório e que me convencesse de terem alguma qualidade).

Sempre fui um admirador dos poemas curtos, dos aforismos e epigramas. Sei que o nada, a convivência com o absurdo, o simples prazer e o deslumbramento são tudo o que se persegue no poema. Mas muito me atrai "brincar" com as ideias. Daí minha admiração por Nietzsche, José Paulo Paes, Fernando Pessoa, Antônio Porchia, Leminski e outros mais.

Uma outra leitura que "corrompeu" o poeta cerimonioso com os poemas foi T. S. Eliot. Passei a ficar mais desinibido em visitar meus poemas, trabalhar com fragmentos retirados de alguns que foram surgindo. Passei a reler poemas (publicados, guardados e descartados) e extrair deles, sem pudor, alguns versos que também incluí neste breviário. Fico imaginando o deleite de T. S. Eliot se vivesse em nossos dias, com toda essa facilidade de manipular os textos no computador...

É surpreendente que, mesmo em poemas abandonados, se colhem versos com vida própria e significado. E foi essa minha surpresa.

Após colher esses versos, busquei analisá-los e, em alguns casos, alterá-los para cumprir um novo objetivo. Nesse primeiro momento, contei com sugestões do amigo Hilton Valeriano, admirador confesso e também escritor de aforismos.

Restou dar corpo ao livro. E isso não foi difícil. O interesse por história, a leitura dos moralistas franceses, a admiração dos belíssimos livros de horas e suas iluminuras não me deram alternativas.

Embora considere que a melhor leitura deste livro seja a de um leitor/mergulhador de apnea, que submerge e só retorna à superfície quando se esgota o fôlego, a unidade de cada texto também possibilita que o livro seja degustado como os antigos breviários.

E como solucionar a questão das iluminuras? Lembrei-me dos trabalhos minuciosos, com pontos de tinta nanquim, da artista plástica e amiga Marieta Moschen. Fiz a proposta e Marieta abraçou com entusiasmo o desafio.

No processo de criação poética, esses versos curtos, esses tercetos ou aforismos, geralmente são criações que nos ocorrem como um estalo. Chegam prontos. Plenos. E muitas vezes são o que se retira de bom de um determinado poema.

E foi isso o que procurei fazer. Dentro do projeto deste breviário procurei usar o que mais me tocava como leitor.

Reformulo assim o que disse anteriormente:

Quem ler este Breviário dos olhos e já tiver alguma familiaridade com meus escritos poderá chegar à constatação de que mesmo o já escrito se torna inédito quando lido com outra roupagem (ou seria melhor dizer “despido do poema de origem”), em outro contexto e em outro momento.

E isso também é verdade.

Jorge Elias Neto

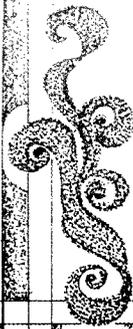
O PUNHA TEM DUAS FACES:

a que brota
e a que geme.



a que brota...

Eis a porção do falso
que constitui a verdade...



Se disser tudo,
restará apenas a última mentira.



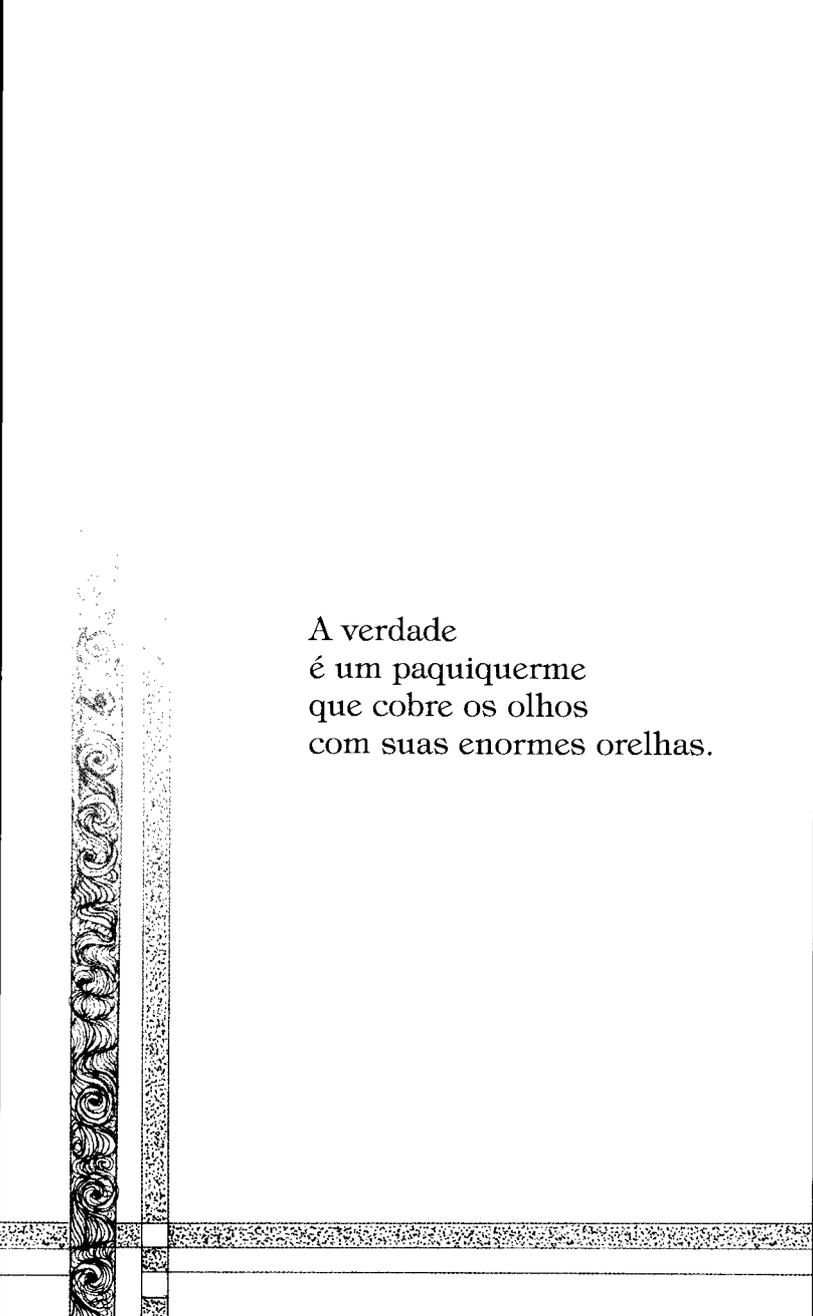
Rente ao chão,
toda mentira resvala na
inutilidade.

A verdade é incomunicável
e não se fixa em palavras.

Entendo a sujeira
como um vício da realidade.



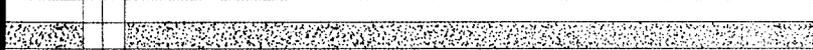
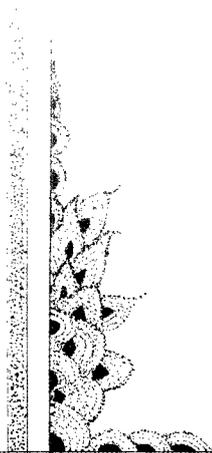
Por mais que insista,
os dias são mais irônicos
que as palavras.



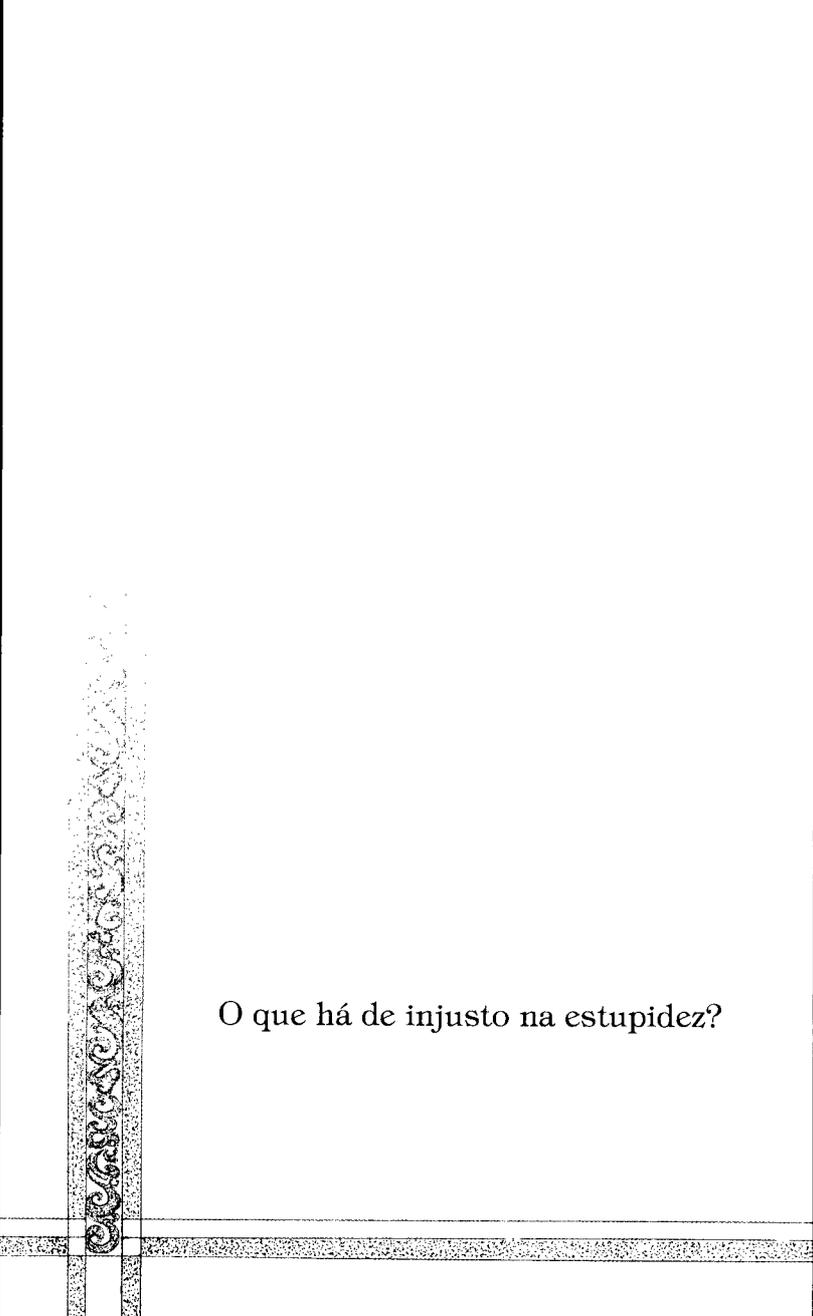
A verdade
é um paquiperme
que cobre os olhos
com suas enormes orelhas.

Tão limitada é a consciência dos seus
limites
que, como um asno, se permite tampar
os olhos
para trilhar seguro seu pedaço na
história.

O consolo é uma fraqueza
que distingue o homem.
É simples artifício da razão.



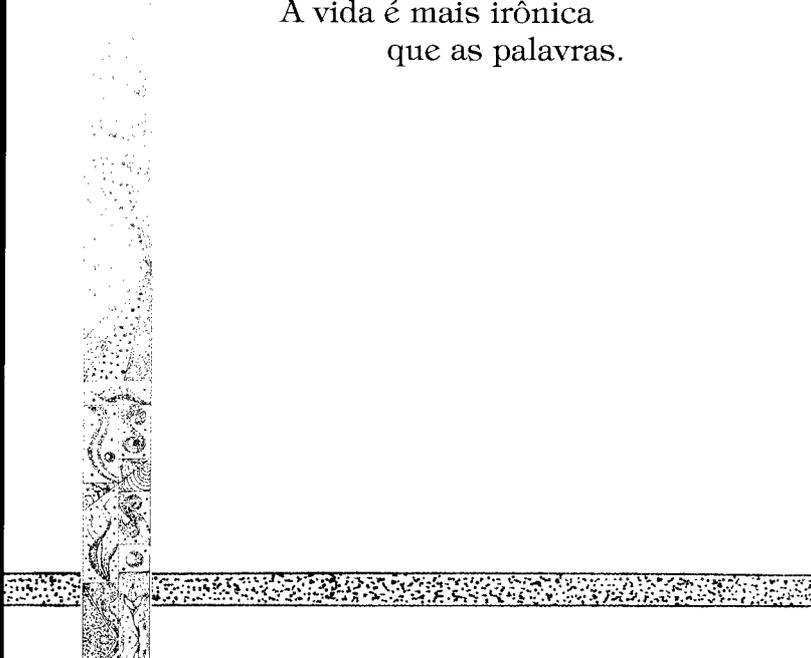
Só o contorno interessa os apressados.



O que há de injusto na estupidez?

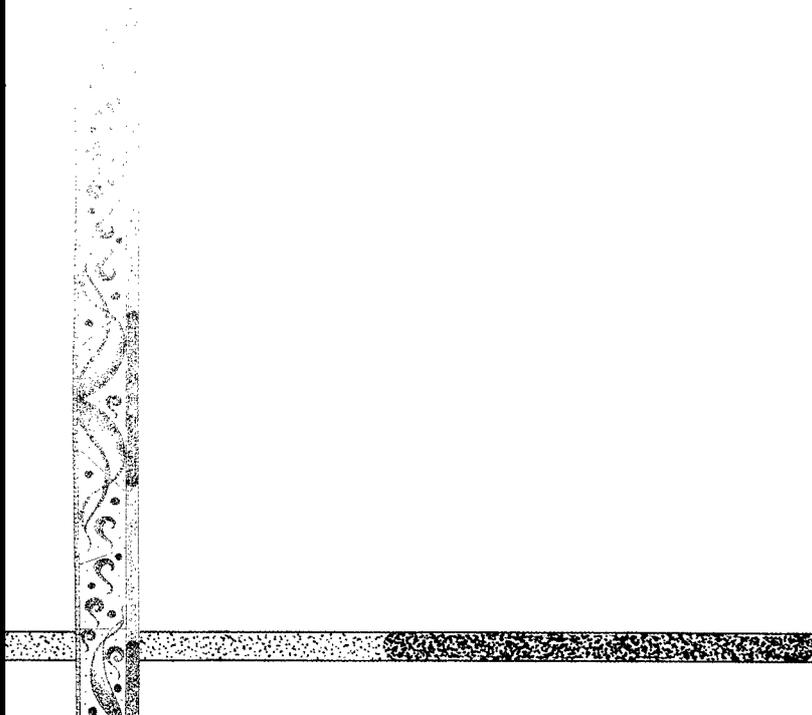
Vida e morte são o continuar dos passos
o ir e vir para não se sabe onde.
A única diferença é que, no fim,
não se poderá mais contar os passos....

A vida é mais irônica
que as palavras.



Mais do que a vida
a certeza
e inumeráveis escombros.

Você aquietará.
E, juntos, todos os ponteiros
deixarão de ter sentido.

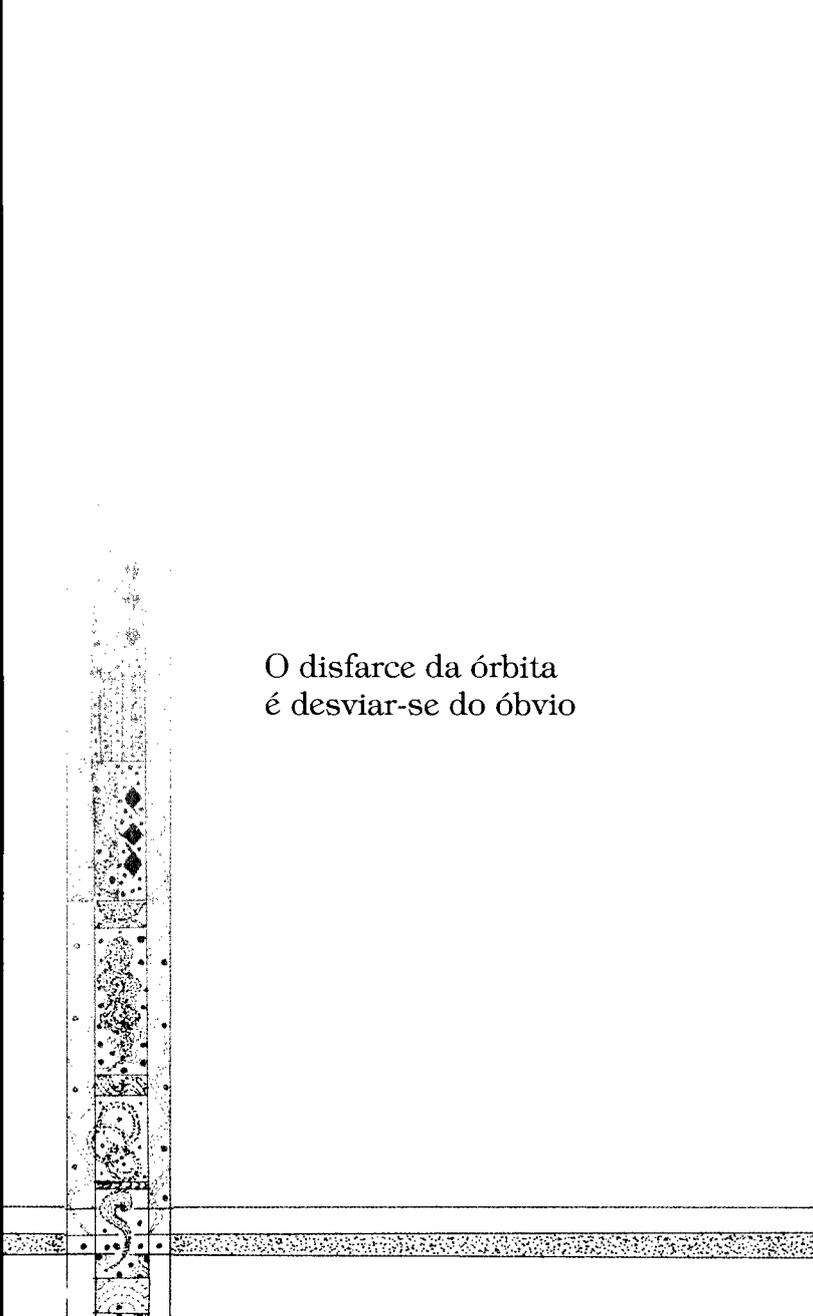


Dentro de todo absurdo
existe um reino de impiedosas perdas.



A maior morte,
em vida,
é a impossibilidade.

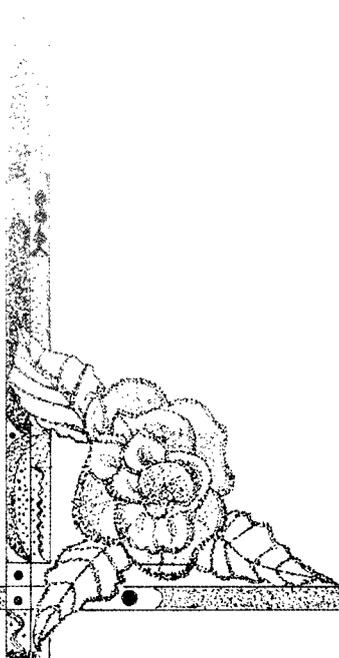
Anoitecer
é acatar o sem sentido.



O disfarce da órbita
é desviar-se do óbvio

Nós no cordão
que me ligam da mãe à morte
dizem do tempo
de seguir nascendo.

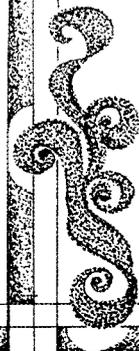
A expectativa,
é o entardecer de uma ilusão.



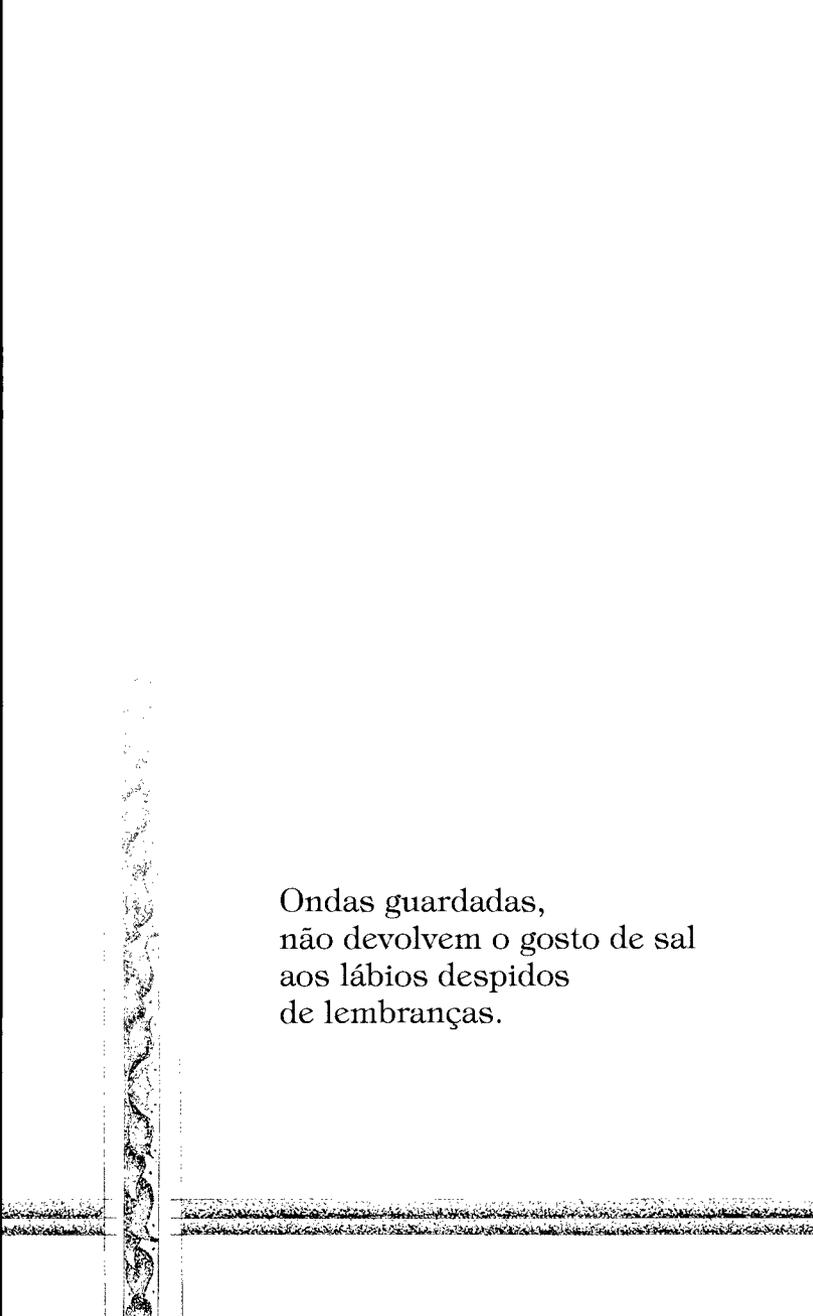
O só
não se arrepende

mas não acha espaço
entre tantas coisas
e tantos arrependimentos.

Não divague, homem,
esqueça o manto das ondas
que disfarçam os naufrágios.



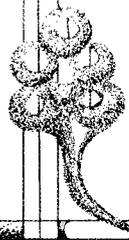
Esse amanhã,
com cheiro de saudade,
roubou a cena de hoje.



Ondas guardadas,
não devolvem o gosto de sal
aos lábios despidos
de lembranças.

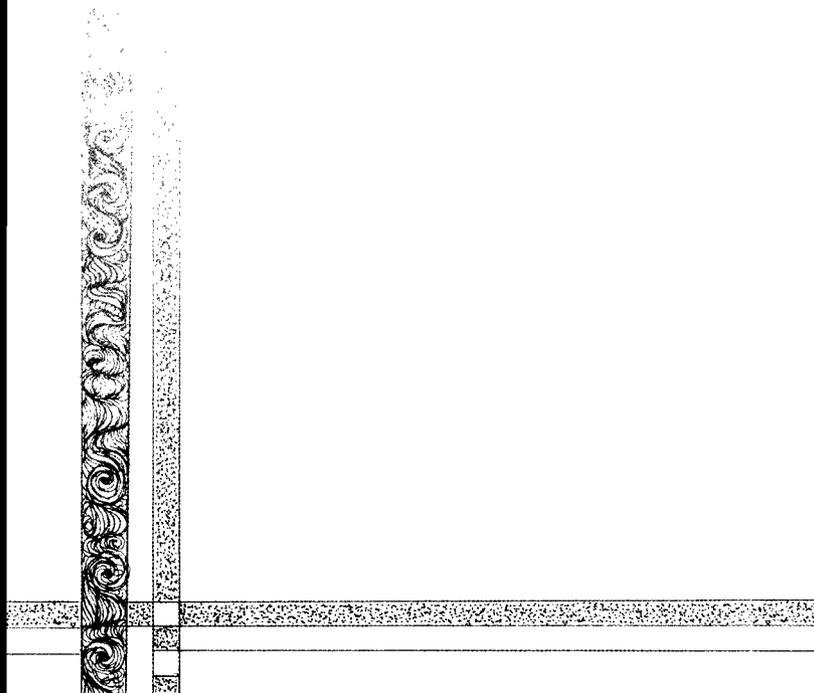
Na perspectiva da ponte,
o pássaro solitário
nunca volta.

O núcleo
dispensa a ponte
sobre a remora das águas
da contradição.



O horizonte é o fluido
que deságua
na morada do abismo.

A ausência de espaço
não poupará
nem mesmo as sombras.

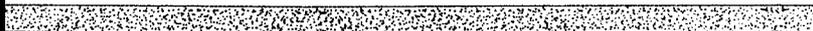


O lugar do horizonte
o seu próprio nome diz.

As cores amanhecerão diferentes
na tarde de tua lucidez.



Cada manhã traz consigo uma
nova geografia.



Acorda-se do último sonho
em uma esquina vazia.



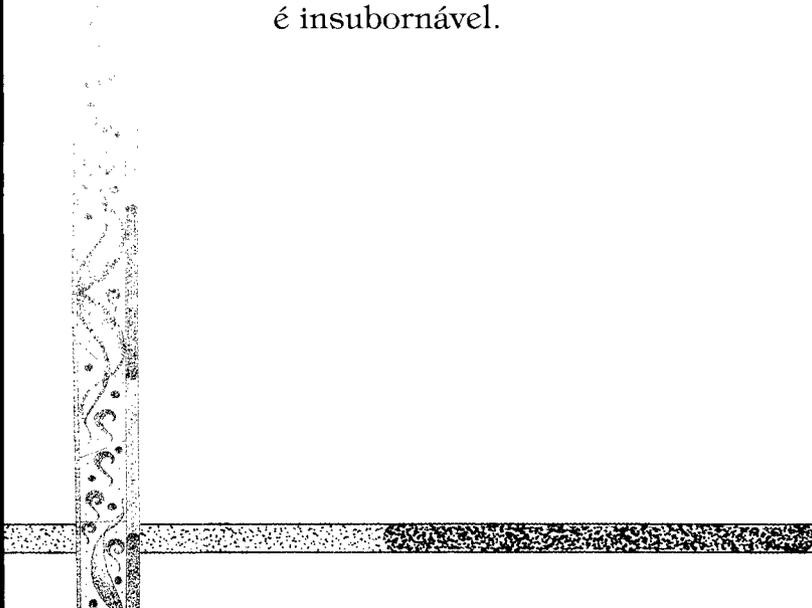
Restará sempre a dúvida:
em que pernas
podemos apoiar
esta existência sem sentido?



A máxima lucidez
são estes tentáculos
que te assombram.

No desespero, buscou o refúgio das ruas,
com suas casas e prédios
a dar sentido às calçadas.

O olhar
perdido na ausência
é insubornável.



Toda incerteza procura
o aconchego das sementes.

Não se leva ao fogo
o que se mostra extinto.



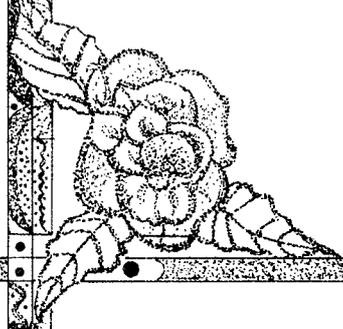
Já observaste,
mesmo quebrada a cruz,
sempre resta um pouco
de fé em nossas mãos.



Para tudo existe um peso,
uma medida
e uma visão distorcida.

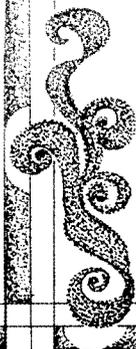
A esperança
é uma simples questão
de instinto de sobrevivência.

A eternidade
é uma metáfora
que já não me ilude.



O indicador
voltado para deus
- meu vazio particular,
despido de soberba
e culpa.

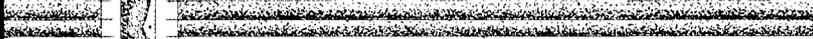
Soluços e baba
dizem da metafísica.



Em que pese aos malefícios para o corpo,
arrasto comigo a consciência
de minha insignificância.

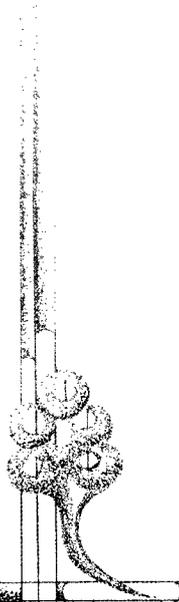


O nada
é um cansaço
que dá sono.



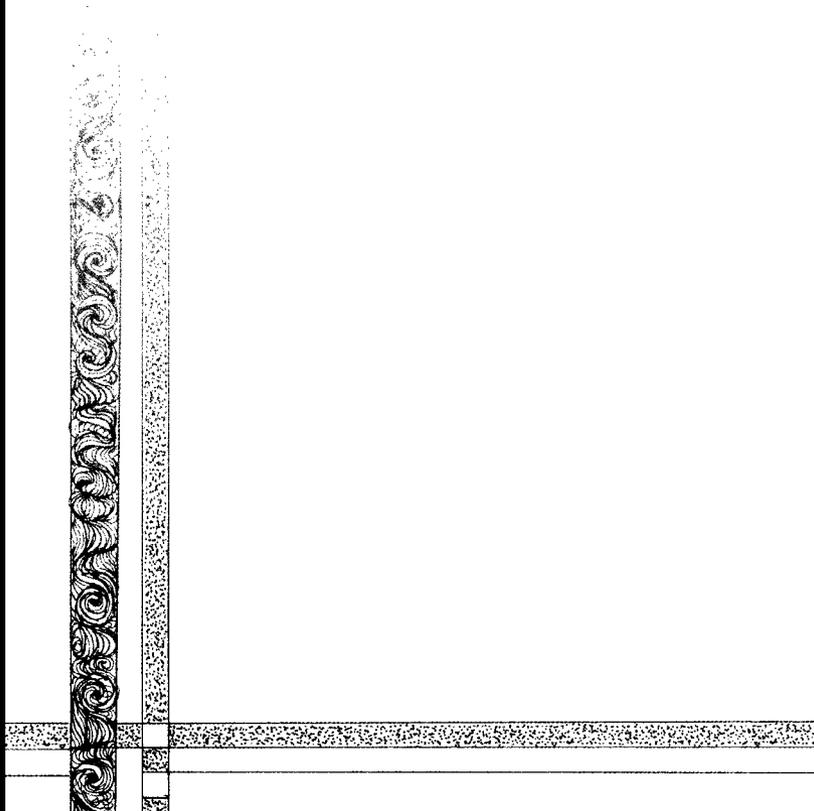
O que fazer
com instantes
que insistem em chegar
dissipando ilusões?

Não se ruminam os sonhos.
Eles se costuram
e crescem...



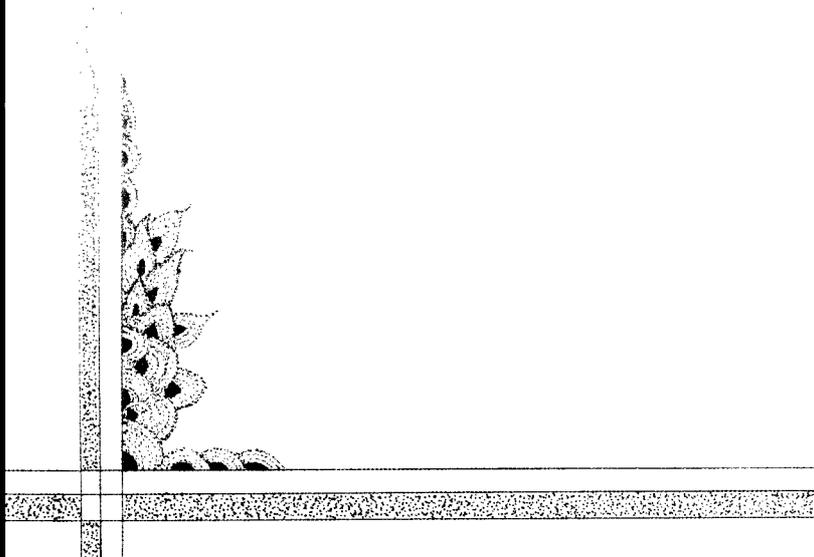
A verdadeira clandestinidade
a gente pratica simplesmente
mantendo-se vivo.

Há de se desprender algo
de asa que rufle.



Ficar: o propósito dos cantos
empoeirados.

É nula a soma,
como é certa
a primeira gota da tempestade.

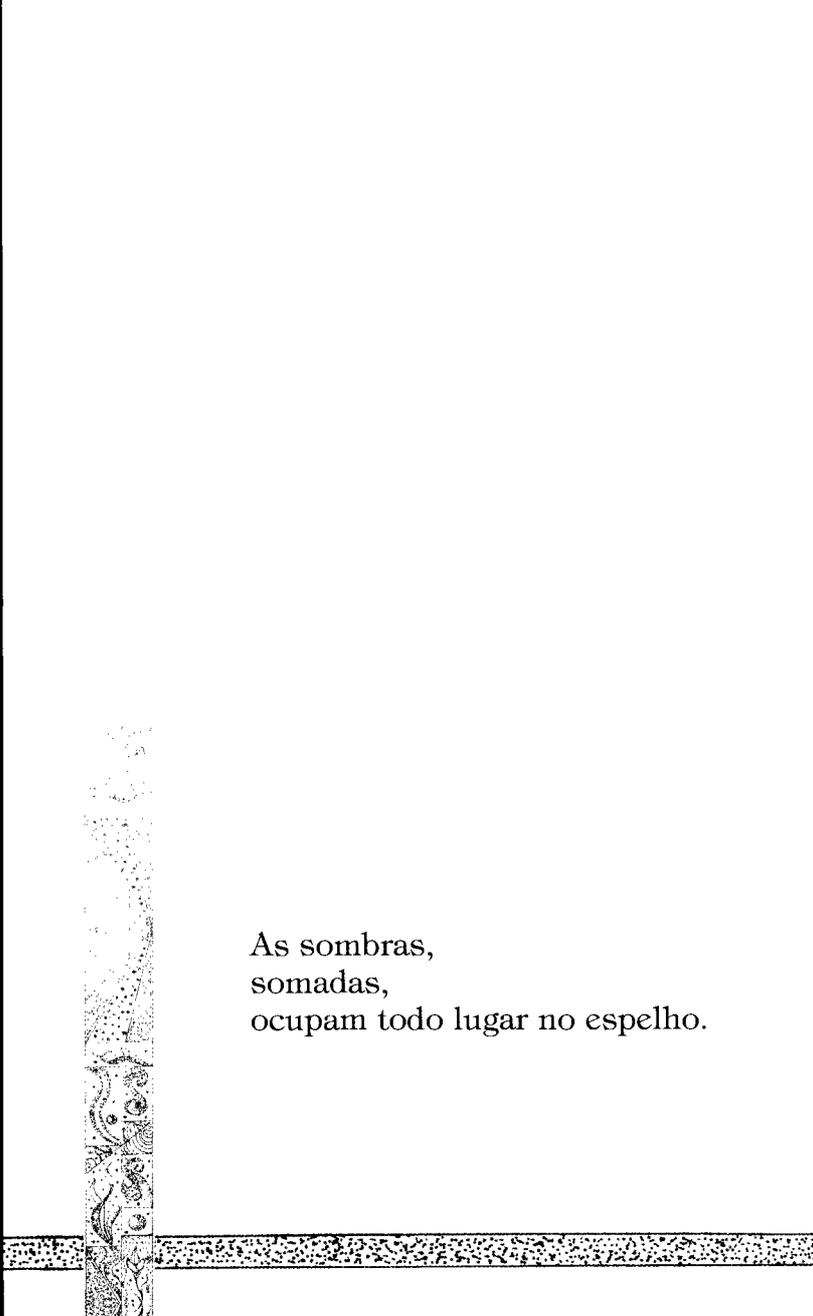


Não deixe que se esgotem as dúvidas;
a pretensão da certeza endireita.

Erguem-se os hipócritas
que sobrevivem da espreita.

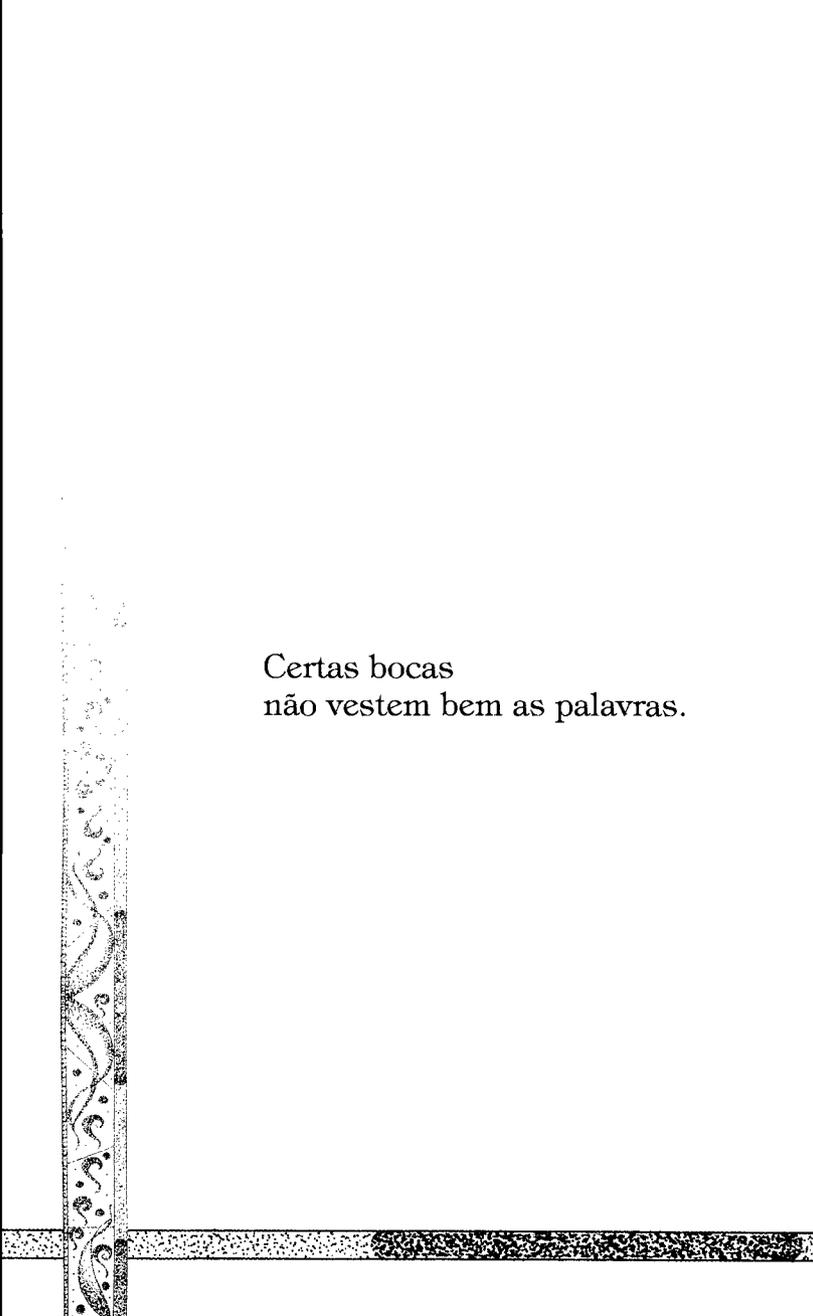


A sobrevivência de certos
espíritos
depende da discrição
dos gestos.



As sombras,
somadas,
ocupam todo lugar no espelho.

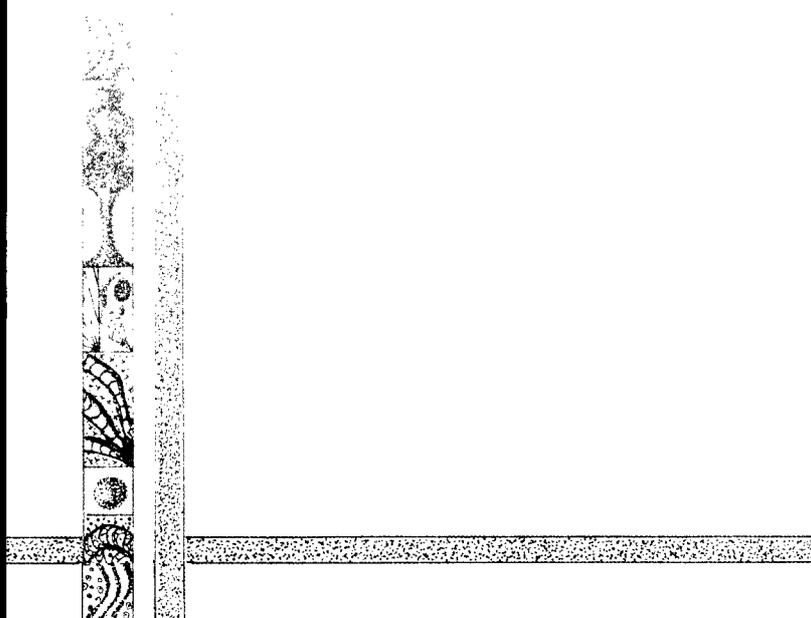
Pode existir alguém mais fiel
que um inimigo?



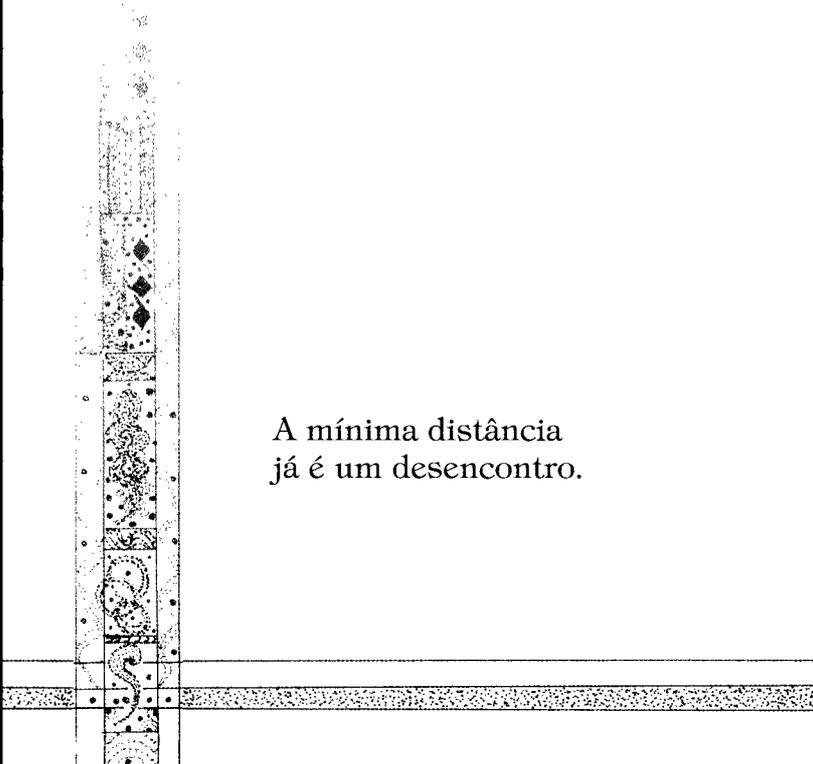
Certas bocas
não vestem bem as palavras.

O homem é um ser de atitudes medidas
e pensamentos velados.

Sempre haverá bocas do inferno
mastigando asas de querubim.



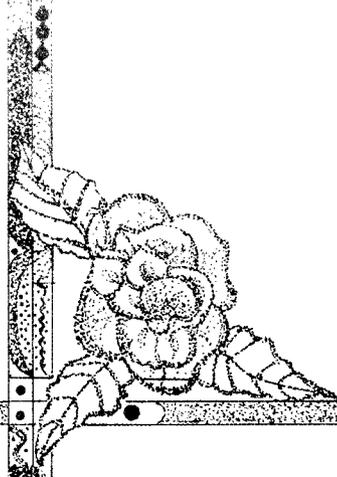
As verdades se camuflam
e não nos chegam nos
abraços.



A mínima distância
já é um desencontro.

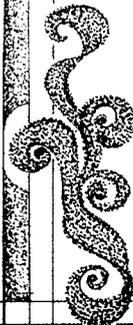
Abandonar a face
e seus complementos
de hipocrisia.

Na linguagem do fogo
o luar abocanha as estrelas
o sírio
– a paz.



Não interrompam
o cotidiano das serpentes;
elas não buscam no homem seu veneno.

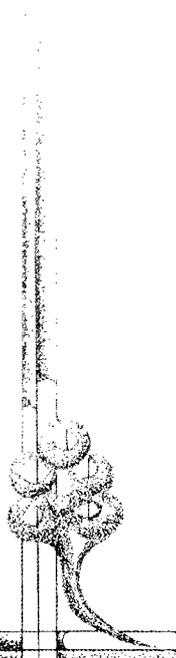
O discurso aos que não ouvem
só faz tornar úmido o ar,
para o crescimento do limo.



Despertaram,
e era um dia de remorsos
e vilões.

Ao homem
cabe ir tampando com reza
o buraco do túmulo.

Em algum momento,
antes do fim absoluto,
o homem enfim olhará suas mãos
sujas com a poeira do caos.



A estampa sugere,
o anúncio promove
e a verdade aniquila.

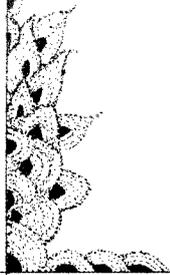
Por que as mariposas buscam insones
o brilho no olhar da criança?

É ver triste,
entre o dito e o pensado,
uma ponte tombada.



És capaz de ver
quantas perspectivas há
na falsa inércia de um tronco?...

O silenciar coerente das palavras
só faz exaltar a verdade das flores.

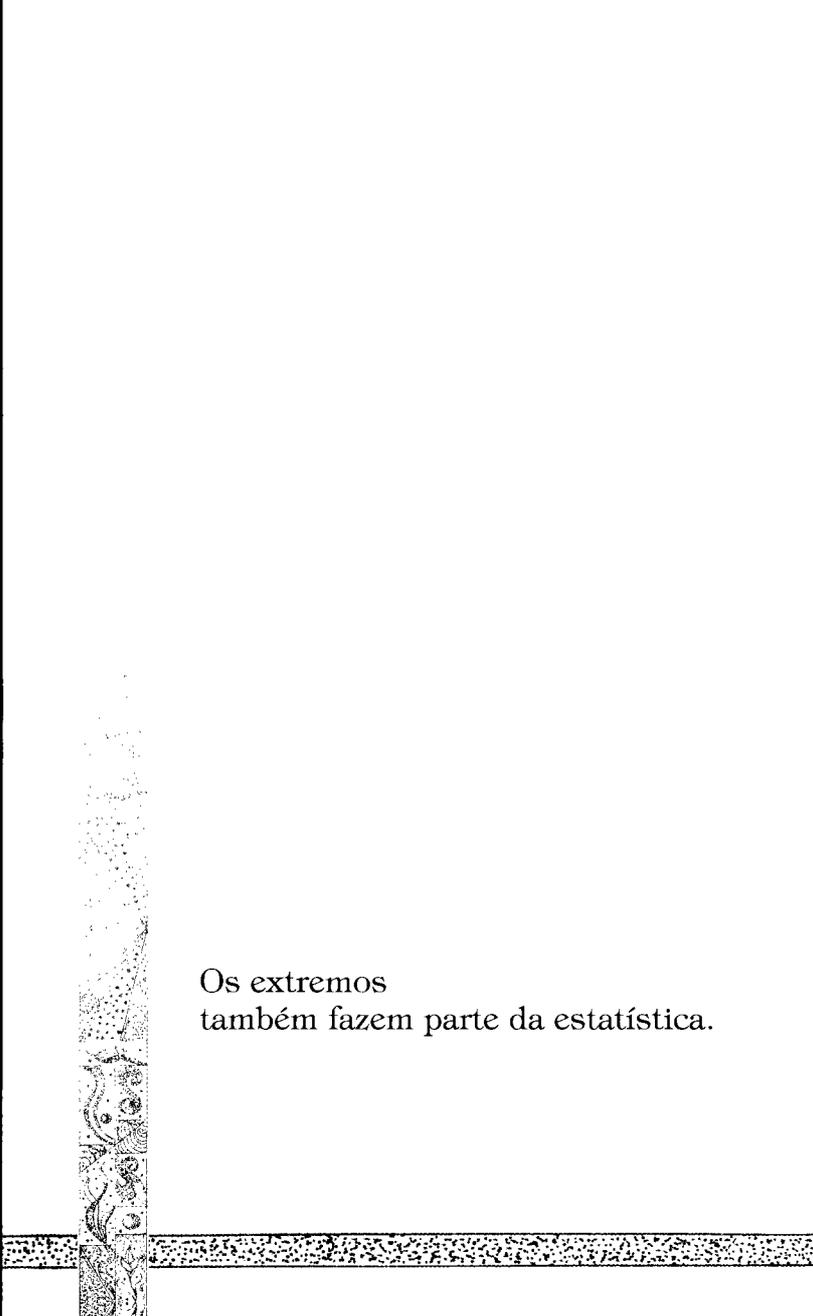


Não tirem do poeta a visão.
Podem condená-lo à loucura
do poema sem fim.

Caramelos,
caramelos...
Seguem os poetas,
 revolvendo a relva carbonizada
sempre em busca de caramelos...

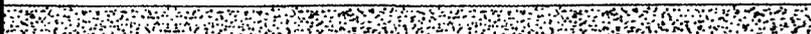


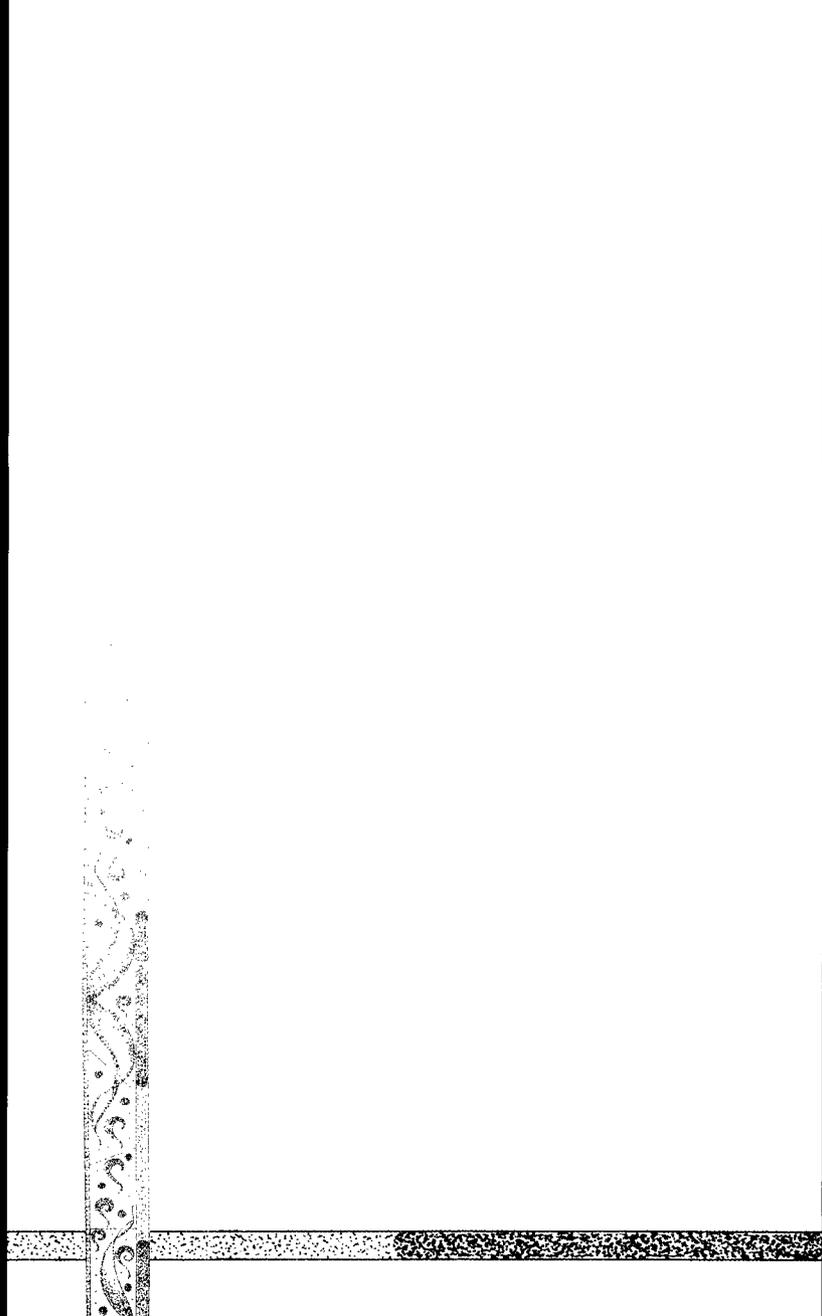
A quanto dista
o zelo do cientista
do abuso apaixonado do poeta
com a palavra?

A vertical decorative line on the left side of the page, composed of a series of small, intricate patterns. A horizontal decorative line crosses it near the bottom, also composed of similar patterns. The rest of the page is plain white.

Os extremos
também fazem parte da estatística.

A arte permite
um legado
sem tragédia.



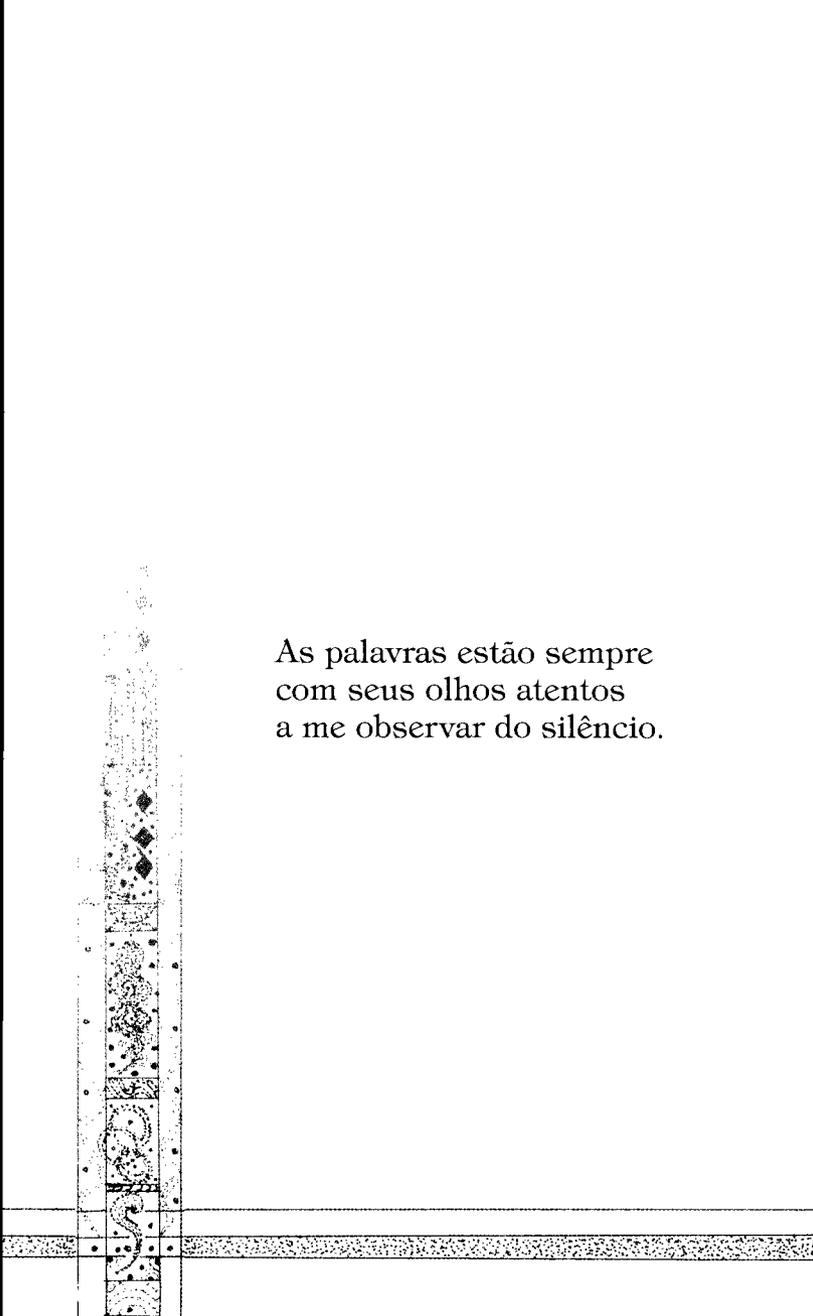


e a que geme...



Existe uma sonoridade
distante no silêncio.

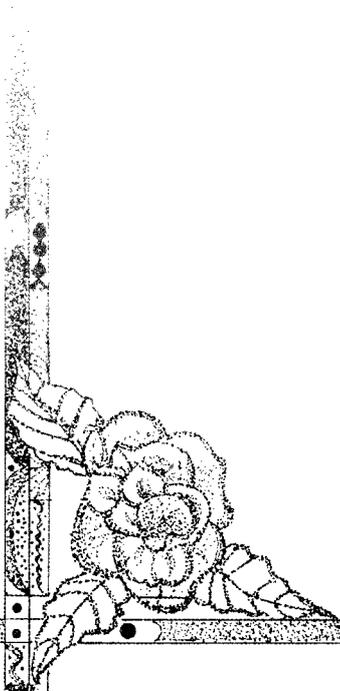
É necessário buscar espaço
para o silêncio
– ocupar-se dele.
Até que nada mais sobre solucionável
pela palavra.



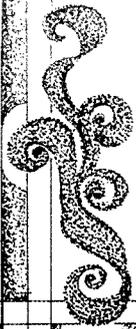
As palavras estão sempre
com seus olhos atentos
a me observar do silêncio.

O escrito, o exposto,
essas meias verdes verdades
já não se escondem atrás de máscara.

O temor das bocas
não deve assustar as borboletas.



Fosse eu íntimo do desentupidor de pia
traria de volta cada arrependimento
perdido no esgoto.

A decorative scrollwork element, rendered in a stippled or dotted style, is positioned in the bottom-left corner of the page. It features a vertical stem that curves into a series of elegant, overlapping scrolls, resembling a stylized floral or architectural motif.

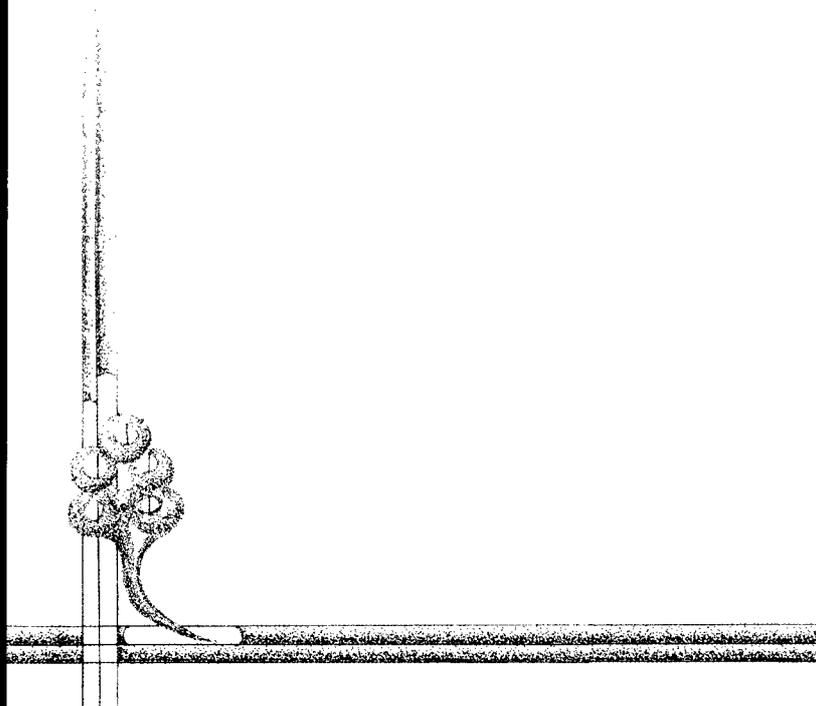
A solidez de seus desejos
é incompatível com meu chão
de espumas.

Tua sombra não tem o gosto
que meu paladar deseja.

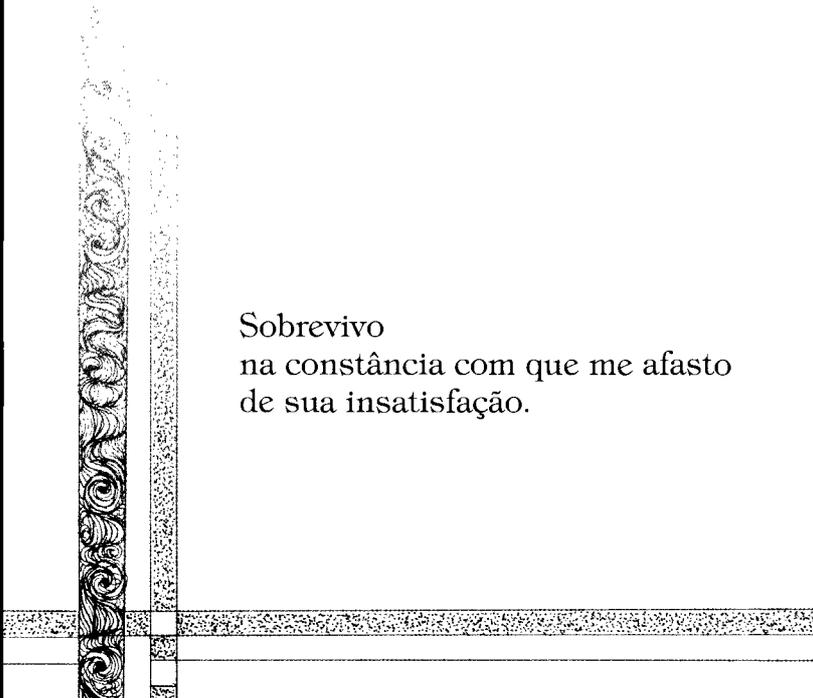
O que se come
e se mastiga
é alimento e não imagem.

A loucura derramada de teus olhos
é um desperdício de luas.

E enfim se chega
a determinado instante
em que nos olhamos.



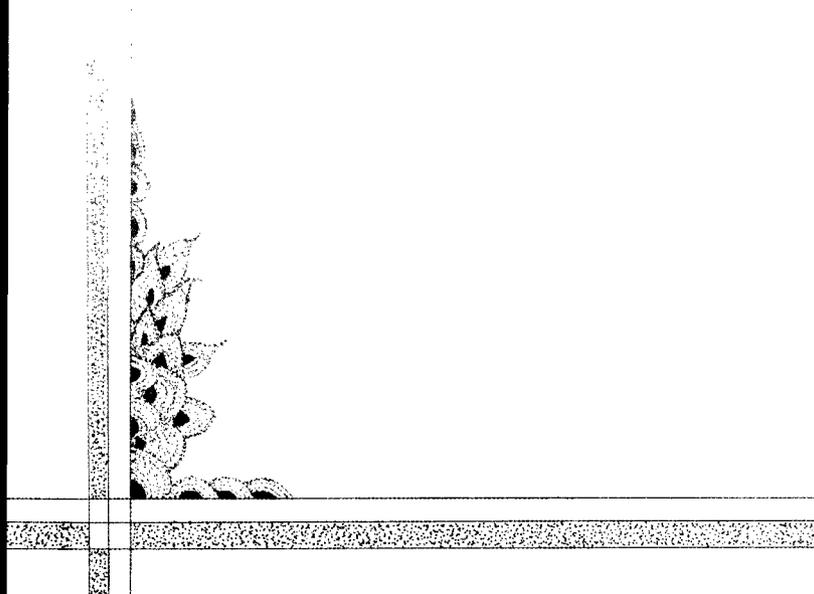
Sabemo-nos diante
do que nos cabe como definitivo.



Sobrevivo
na constância com que me afasto
de sua insatisfação.

Chega um momento
em que toda saudade
parte junto com o poema.

Cada expectativa tem seu cheiro.
E se esforça para caber no poema.

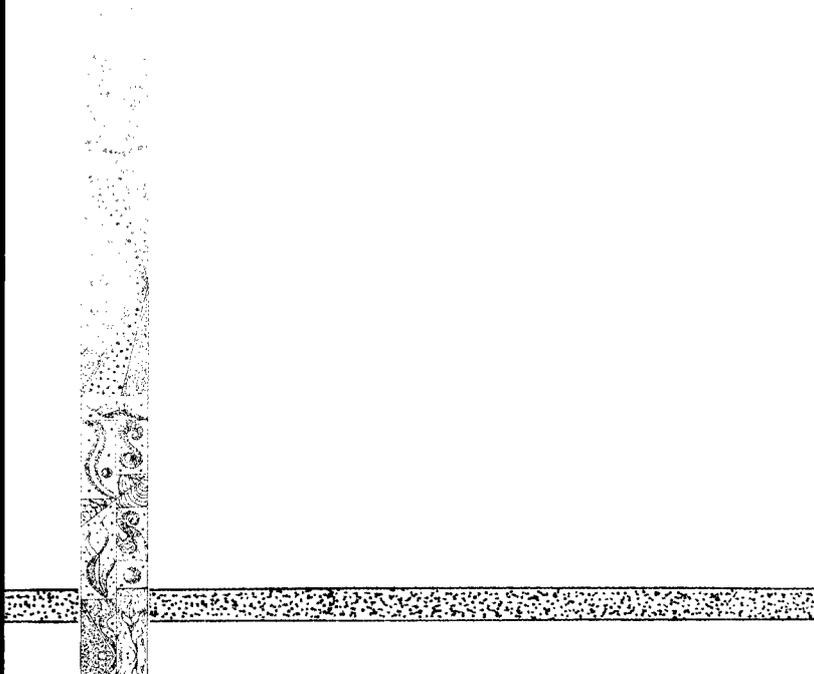


Cada ilhéu traz uma concha
guardada a sussurrar saudades.

Somente o homem sabe
do vazio sem pele
no orgasmo cuspidor.

Qualquer relevo
desdiz minhas convicções.

Recomeço,
e essa sombra de hoje
nada diz do homem que fui.



O passado são páginas de bordas marcadas
que recorreremos ao nos esquecermos
de outros dias.

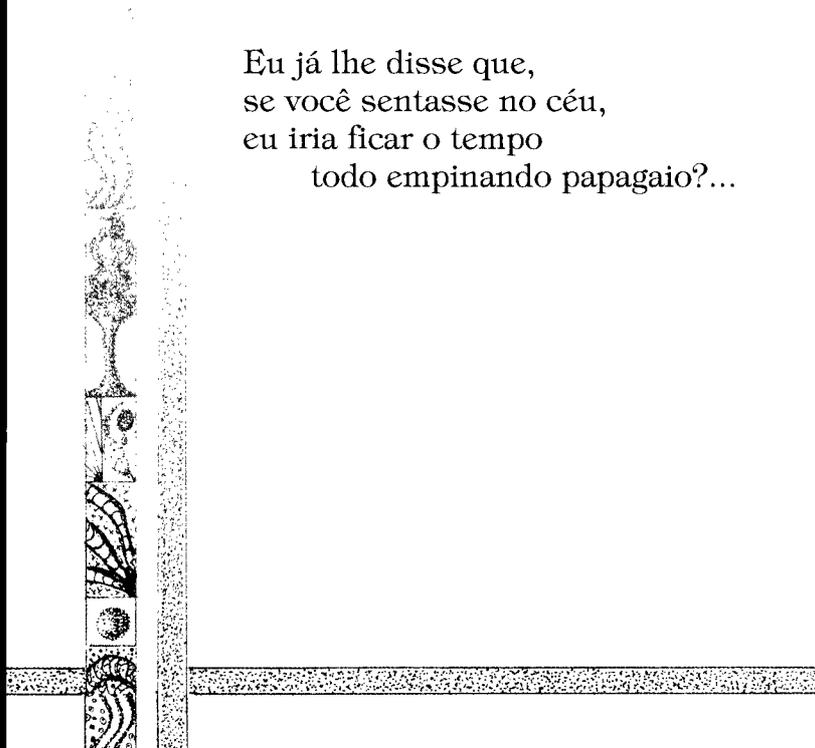


Os dias
repetem as cores
do amanhecer dos teus olhos.



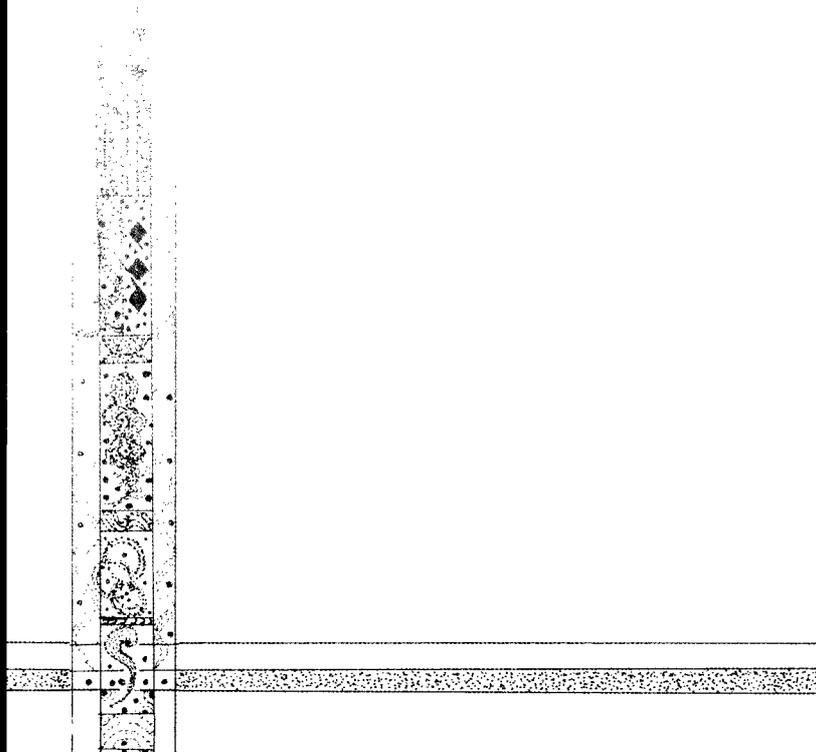
qual a profundidade do azul
suspenso nos olhos?

Eu já lhe disse que,
se você sentasse no céu,
eu iria ficar o tempo
todo empinando papagaio?...



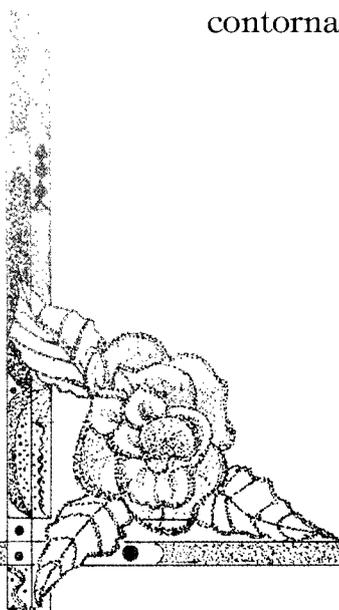
Esses dentes
encrustados em seu anular
não se removem com espuma.

Pendurados no abismo,
eu e você,
agarrados...



A sobriedade
não permite a palavra: amor.

Licenciosa...
a mosca verde
contorna o corpo fendido.



O poeta se debruça no caos –
chupando manga.

A decorative scrollwork element in the bottom-left corner, consisting of a vertical line with several curved, spiral-like flourishes extending to the right.

Que homem ruidoso
medrou minha carne?

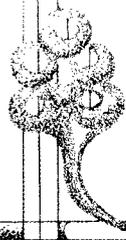
Onde está a cuspeira,
para que eu possa comemorar
a soberba humana?

Sou a água
que degusto
em outro tempo.



O silêncio – pago adiantado.
Perdão é presságio de erro.
E o medo da solidão – um desperdício.

Vejo minha terra
com olhar de bumerangue.



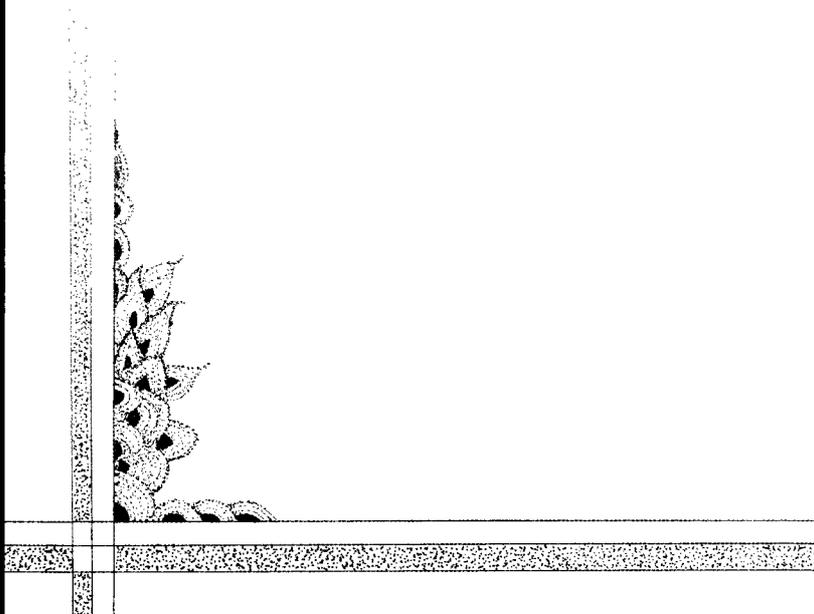
Quando busco vozes perdidas no exílio
rumorejo versos pretensiosos,
ressuscito mortos.

Tenho em mãos
a cronologia do desespero.
Sanha de corpos
nos varais da memória.



Antes que o Céu
se incumba do sumiço das estrelas,
o menino desenhou um Sol para cada País.

Há um deslize sobre
cada pedra.



Perdi meus tempos de insônia
fiando futuros improváveis.



Não ser um poeta
a escrever com a minúcia
do descaso
sobre o chão verde das matas.

Deixo tudo de periférico
em nome da grandiosidade do infinito
em que me abrigo.

Gostaria de que o final
do ciclo dos sóis visíveis
me encontrasse bestando
a apreciar bromélias.

A minha imortalidade
se encerrará com a minha morte.

A suprema arte
é a raiz dos ausentes.



Deixarei para as ondas decidirem
sobre a imortalidade
de meu nome na areia.

© 2017 JORGE ELIAS NETO

José Augusto Carvalho	REVISÃO
Marieta Pimentel Moschen	ILUMINURAS
Bios	CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
GM Gráfica e Editora	IMPRESSÃO
300 exemplares	TIRAGEM

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Elias Neto, Jorge, 1964-
E42b Breviário dos olhos / Jorge Elias Neto. - Vitória, ES : Ed. do autor, 2017
138 p. : 17 cm
ISBN: 978-85-8087-166-1
1. Poesia brasileira. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-1

*Poemas e aforismos desta obra foram compostos na fonte Tiffany Light, corpo 12/14.
Impresso em papel pólen bold 90g.*

ONDE **COMEÇA O FIO?**

No novelo ou
na farsa dos dias?



9 788580 871661